

AS MENINAS NÃO QUEREM JOGAR? UMA REVISÃO SOBRE ASPECTOS DIDÁTICO-METODOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO ESPORTIVA DE MENINAS

DRA. MARIANA ZUANETI MARTINS

Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professora do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

MS. VINNICIUS CAMARGO DE SOUZA LAURINDO

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

BRUNA SAURIN SILVA

Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

HERLEN AZEVEDO

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

DAIANE OLIVEIRA

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo | Aqui realizamos uma revisão integrativa sobre como os aspectos didático metodológicos têm sido enfocados na produção sobre esporte e gênero, respondendo a seguinte questão: que fatores didático-metodológicos contribuem para a (des)mobilização de meninas para a prática esportiva? Nosso recorte é 2009-2019 em revistas pedagógicas da EF, resultando em 11 artigos selecionados. Nossos resultados apontam para i) a distinta forma

como meninos e meninas se envolvem com o conteúdo; ii) as possibilidades desencadeadas pela forma como os professores percebem e intervêm diante das desigualdades de oportunidades entre meninos e meninas; iii) como as atividades de sensibilização e de problematização da discriminação nos ambientes de prática esportiva podem contribuir para mobilizar as meninas.

Palavras-chaves | Gênero; Esporte; Didática.

GIRLS DON'T WANT TO PLAY? A REVIEW DIDACTIC AND METHODOLOGICAL ASPECTS IN GIRLS' SPORTS PARTICIPATION

Abstract | We carried out an integrative review on how the didactic and methodological aspects have been focused on the production on sport and gender, answering the following question: what didactic and methodological factors contribute to the (de) mobilization of girls to sports participation? We covered papers throughout 2009 to 2019 in PE journals, resulting in 11 selected articles. Our results point to i) the distinct way in which boys and girls participate in sports; ii) the possibilities triggered by the way teachers perceive and intervene in the face of inequality of opportunities among boys and girls; iii) how raising awareness and problematizing discrimination in sports environments can contribute to engage girls.

Keywords | Gender; Sports; Didactic.

1. ¿LAS NIÑAS NO QUIEREN JUGAR? UNA REVISIÓN SOBRE ASPECTOS DIDACTICO-METODOLÓGICOS EN LA EDUCACIÓN DEPORTIVA DE NIÑAS

Resumen | Aquí realizamos una revisión integradora sobre cómo los aspectos didáctico-metodológicos se han centrado en la producción sobre deporte y género, respondiendo a la siguiente pregunta: ¿Qué factores didáctico-metodológicos contribuyen para la (des)movilización de las niñas para la practicar deporte? Nuestro recorte es 2009-2019 en revistas pedagógicas de EF, lo que resulta en 11 artículos seleccionados. Nuestros resultados apuntan para i) la forma distinta en que los niños y niñas se involucran con el contenido; ii) las posibilidades desencadenadas por la forma en que los profesores perciben e intervienen frente a las desigualdades de oportunidades entre niños y niñas; iii) cómo las actividades de

sensibilización y problematización de la discriminación en entornos deportivos pueden contribuir a movilizar a las niñas.

Palabras clave | Género; Deporte; Didáctica.

INTRODUÇÃO

Uma questão que tem chamado bastante atenção das políticas públicas de esporte, lazer e saúde é a adesão e permanência de meninas e mulheres nos esportes. Segundo o relatório “Movimento é Vida”, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2017), atualmente a prática dessas atividades por mulheres no Brasil é 40% inferior aos homens. Na mesma direção, o Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE, 2015) mostra que as meninas ingressam no esporte mais tarde e que a diferença entre os homens e as mulheres que se engajam em atividades esportivas é de mais de 20 pontos percentuais, com 35,9% contra 15,6%. Isso torna a prática de atividades esportivas por meninas um objeto de preocupação de governos e agentes envolvidos na democratização do acesso a essa prática corporal.

Evidentemente, as razões para tais discrepâncias não se encontram em fatores biológicos. O olhar para a história do esporte no Brasil demonstra como são distintos os incentivos, apoios, visibilidade e relações de poder conferidos a homens e mulheres (GOELLNER, 2005). Esse dado problematiza uma questão historicamente mal resolvida vinculada aos fatores que influenciam a menor participação das mulheres no esporte. Ou seja, as desigualdades no acesso e permanência no esporte nada tem a ver com supostas diferenças biológicas, mas sim com uma história de (des)incentivos e interdições.

O campo de estudos de gênero e sexualidade têm demonstrado como a própria ideia de uma diferença biológica natural precisa ser problematizado. Resulta dessa problematização a reflexão de que aquilo que supostamente é dado como “natural”, o sexo anatômico, é efeito de percepções que são construídos culturalmente e que resultam nas diferenças socialmente percebidas entre homens e mulheres e a desigualdade

entre eles (LOURO, 2018). Desconstruir esse raciocínio é, portanto, demonstrar o caráter cultural e arbitrário das interdições culturais que são assentadas nesses discursos.

Como consequência, ao longo da história, as mulheres têm sido retiradas de muitos lugares públicos devido as suas condições “naturais”. Discursos voltados para a preservação da maternidade e da feminilidade promoveram várias interdições e, por muito tempo, foram recorrentes para minimizar a presença das mulheres no universo esportivo, em especial na categoria do alto rendimento fortemente vinculada ao espírito competitivo e ao vigor físico (GOELLNER, 2005). Sendo assim culturalmente se difundiu a ideia de que as mulheres não tinham o vigor, a força e as características tidas como essenciais para se lograr êxito em modalidades como o futebol.

No campo científico alguns artigos de revisão têm avançado em questões importantes sobre gênero, esporte e Educação Física (EF). Estudos apontam uma grande influência de discursos de ordem biológica como justificativa para menor participação das meninas nos momentos/tempos esportivos (CHAN-VIANNA et al., 2010; MATOS et al., 2016; TEIXEIRA; CAMINHA, 2013). Nesse sentido a evasão das meninas tem se repetido, já que historicamente os meninos ocuparam um lugar privilegiado no esporte e pouco tem sido feito para que essa situação se transformasse (FURLAN; SANTOS, 2008).

Compreendendo o potencial das práticas pedagógicas para problematização da cultura, argumentamos que essas podem ser lócus privilegiado de ação para resistência, para tentar minimizar os efeitos dessa discrepância histórica e para intervir para transformação social desse cenário. Segundo Maria Amélia Santoro Franco (2015, p. 603), “as práticas pedagógicas se configuram na mediação com o outro, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço de possibilidade. Portanto, as práticas podem funcionar como espaço de resistência e também de reverberação de múltiplas dominações”. Embalados por essa ideia, nos perguntamos: que fatores didático-metodológicos e contextuais, nas práticas pedagógicas, podem contribuir para a mobilização de meninas para a prática esportiva?

Diante disso, este artigo buscou fazer uma revisão integrativa especificamente sobre quais aspectos didáticos-metodológicos podem influenciar na (des)mobilização de meninas/mulheres em contextos formais, não formais ou informais de prática esportiva. Isso ajudará o campo a avançar na compreensão de que contextos e ações tem favorecido a adesão e permanência de meninas/mulheres na prática esportiva e, a partir disso, contribuir para uma reflexão sobre direções para futuras intervenções.

METODOLOGIA

Esse estudo se pauta na perspectiva das revisões integrativas, buscando narrar o que um campo tem construído de conhecimento sobre uma determinada questão. Nosso recorte foi veiculado por quatro periódicos da EF brasileira (Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciências do Esporte/RBCE, Revista Movimento e Revista Motrivivência)¹, buscando dar ênfase ao debate consubstanciado a esse subcampo dos estudos de gênero brasileiro. O recorte temporal foi 2009 a 2019. Para seleção dos artigos utilizaram-se nas buscas os seguintes descritores: “meninas AND esporte”; “meninas AND EF”; “mulheres AND gênero”; “gênero AND EF”.

Como critérios de inclusão, consideramos somente artigos originais, realizado com seres humanos, e que respondiam à questão da pesquisa. Na busca inicial, foram encontrados 290 artigos. Após conferência de títulos e resumos, restaram 28 artigos, dos quais, a leitura na íntegra selecionou 11. Esse processo foi realizado por dois dos pesquisadores de forma independente. Em seguida, foi elaborada a figura 1, que nos possibilitou analisar e sintetizar os resultados dos estudos. Eles foram organizados e analisados em duas categorias: i) aos fatores que contribuem e ou favorecem o engajamento e a participação das meninas no esporte e ii) aqueles que desfavorecem. Ao final, falamos das lacunas da área.

1. Essas são as principais revistas científicas com publicações de relevo na área sociocultural e pedagógica da EF.

1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autora	Objetivo do Estudo	Fundamentação teórica	Sujeito da pesquisa	Abrangência metodológica	Breve descrição dos resultados da pesquisa
1. JAEGER, A. A.; GOMES, P. B.; SILVA, P.; GOELLNER, S. V.; (2010)	analisar as condições de atuação de mulheres atletas e ex-atletas como dirigentes	Estudos de gênero	21 mulheres que estavam atuando no esporte em Portugal nas funções de líderes	entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo com NVivo	- O gosto pela prática esportiva continua sendo o principal fator mobilizador para que as mulheres permaneçam mesmo com as dificuldades ao longo da vida - Os homens que assumem o papel de treinador ao não tensionarem questões importantes vinculadas à esfera do gênero acabam por fazer com que as atletas tenham menores possibilidades de se desenvolverem.
2. DORNELLES, P. G. (2011)	Análise dos discursos feministas de separação de meninas e meninos nas aulas de EF	estudos culturais, feministas e de post-estruturalistas	10 professoras de EF	Aplicação de questionários e realização de entrevistas.	- Há professores que ainda se ancoram no discurso sobre a diferença de repertório motor nessa fase da vida entre meninos e meninas como justificativa para separar as turmas e com isso manter as atividades determinadas práticas esportivas, por considerarem que elas têm menores possibilidades; - Por não acreditarem na sua capacidade, professores não mobilizam as meninas para as aulas de futsal. - As descrições sinalizam que o gênero é mobilizado para definir a capacidade de meninos e meninas como adequados ou não para determinados conteúdos, para atividades mistas e/ou para as aulas de EF.
3. ALTMANN, H.; WUCHANO, M.; WILKINSON, L. A. R. (2012)	reflexão sobre corpo, movimento e gênero na Educação Infantil	estudos de gênero e os estudos de antropologia baseados em Geertz (1989).	Na primeira pesquisa acompanharam-se diariamente a aula de EF e as aulas de Educação Física em dois Centros de Educação Infantil	Etnografia.	- Embora o gênero como um marcador social importante de construção de diferenças entre meninos e meninas, nem todos professores promovem ensinamento dessas desigualdades, nem todos o professor(a) lida com as diferenças no cotidiano produz situações distintas de aprendizagem. - Em um centro, a condução de algumas atividades reforça as construções generificadas, onde meninas assumem um papel passivo e meninos tem mais possibilidades. Na outra, a professora encorajava as crianças e ela costumava não os tratar como alunos e alunas, não separava as aulas. Como consequência, algumas questões importantes que apareciam durante as aulas, e, nisso, ela conversa com os alunos sobre a não existência de atividades específicas para meninas e meninos.
4. SILVESTRIN, J. M. P.; SILVA, M. C. O. (2012)	investigar a participação de meninas em projetos sociais	Estudos feministas e de gênero	Quatro professoras e/ou coordenadoras (total de seis pesquisadoras) também, por dois alunos e duas alunas.	entrevistas semiestruturadas	- As práticas esportivas desenvolvidas no projeto não se afastam do modelo de esporte de competição, com regras rígidas e com uma prática excludente. - Nas filiais de alunas e professoras, ocorre a separação das turmas, ocorre devido às características biológicas distintas de cada sexo, que acabam sendo pensadas como determinantes do desempenho inferior das meninas; - apesar de haver convívio entre meninas e meninos em turmas mistas, este convívio está restrito aos momentos em que, por mediação do professor, formam-se grupos mistos para a realização de algum exercício. Tal situação não muda na medida em que a maior parte dos professores assume o discurso da fragilidade feminina.
5. WERLE, V.; SILVA, M. C. O. (2013)	objetiva analisar como as relações de gênero são incorporadas (ou não) aos discursos, orientações e direcionamentos da Fundação Municipal de Esportes de Piratópolis.	Estudos de gênero	Oito sujeitos pertencentes às áreas técnicas de supervisão da FME.	Análise dos relatórios de atividades da FME e realização de entrevistas com pessoas pertencentes a área técnica e supervisão da FME	- Ao conferir uma prioridade ao esporte no dimensionamento do rendimento acaba por reforçar as designações que esse mandato desenvolve, haja vista que as mulheres têm menores possibilidades de desenvolvimento no campo esportivo ao longo de suas vidas.
6. NUÑES, H. F. P.; PIMENTA, T. F. E.; PESANA, J. DRUGO. (2014)	Este estudo tem como objetivo observar a configuração social e as relações de poder entre os gêneros na EF escolar.	referencial teórico de gênero. Ellas (2000; 2008).	Participaram desta pesquisa 40 professoras de turmas do ensino fundamental	Utiliza-se de técnicas de análise de conteúdo	- As desvantagens em um trabalho pautado pela formação de grupos mistos, gestão compartilhada, o que acaba gerando uma percepção ao menor interesse apresentado pelas meninas quando o assunto é o futebol. - A estratégia de ensino proporcionou reflexões e alterações positivas nas relações de poder e na configuração social (estabelecidos/outsiders) entre os gêneros, além de atingir satisfatoriamente as expectativas de aprendizagens elencadas.

7.	UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. (2016)	Entender como se dão as relações de gênero entre meninas e meninas mistas em aulas mistas de aprendizagem de diversos conteúdos propostos para a EF escolar.	Estudos de gênero.	Três professores seguem os conteúdos do currículo de EF adotados pela rede estadual	que observaram os conteúdos do currículo de EF adotados pela rede estadual	Etnografia	- A participação não efetiva das meninas durante o desenvolvimento dos conteúdos nos aponta para o fato de que a falta de tensionamento por parte do professor fez com que aqueles que tinham maior habilidade se movessem e com isso participassem mais da atividade enquanto que os que tinham menor habilidades (em geral as meninas) participavam de forma menos efetiva. - Ao estabelecer como prioridade em ensino dos esportes a parte técnica, os professores acabam por desconsiderar que como as meninas possuem menores possibilidades motoras por terem tido menos experiências ao longo da vida acabam por perpetuar a ideia de que os meninos têm mais interesse pela prática esportiva. As meninas têm dificuldade de "se arriscar" diante de conteúdos que não dominam ou que se sentem inseguras. - Fica evidente através do contexto estudado que a não intervenção do professor, ou seja, nas situações de atividades "livres", as desigualdades entre meninas e meninos se acentuavam ainda mais. - As relações entre as mulheres e os homens são constantemente incentivadas pela treinadora Rose, a fim de ampliar o compartilhamento dos conhecimentos e das técnicas da modalidade; - Há uma forte influência da imagem positiva que a treinadora Rose tem (fator importante de mobilização) como ex-atleta. Ela assumiu legitimidade perante o grupo a partir de sua trajetória vencedora nessa modalidade esportiva - O que se nota é que o espaço de treinamento das atletas apresenta-se como locus de normalizações de gênero e sexualidade;
8.	SOARES, J. P. F.; MOURAO, L.; MONTEIRO, L. C. (2017)	Compreender as experiências de gênero e as construções de feminilidades vivenciadas por um grupo de mulheres atletas de levantamento de peso	teoria queer e estudos pós-estruturalistas de gênero	Oito mulheres atletas de levantamento de peso que	de levantamento de peso que observaram os conteúdos do currículo de EF adotados pela rede estadual	observação sistemática com registro em diário além de entrevistas individuais	- As relações entre as mulheres e os homens são constantemente incentivadas pela treinadora Rose, a fim de ampliar o compartilhamento dos conhecimentos e das técnicas da modalidade; - Há uma forte influência da imagem positiva que a treinadora Rose tem (fator importante de mobilização) como ex-atleta. Ela assumiu legitimidade perante o grupo a partir de sua trajetória vencedora nessa modalidade esportiva - O que se nota é que o espaço de treinamento das atletas apresenta-se como locus de normalizações de gênero e sexualidade;
9.	SO, M.R.; MARTINS, M. Z.; BETTI, M. (2018)	analisar as relações de sentido e a mobilização das meninas com os saberes das lutas	Possui como base a "teoria da relação com o saber" de Charlot e fundamenta-se nos estudos feministas e de gênero	31 Alunos de uma turma do 7º ano do ensino fundamental (16 meninas e 15 meninos)	de levantamento de peso que observaram os conteúdos do currículo de EF adotados pela rede estadual	Estudo de caso com observação de campo e entrevistas semiestruturadas	- A participação não efetiva das meninas durante as aulas está atravessada pelos seguintes pontos: "masculinização e machismo durante as atividades", "O medo de se machucar" e "A vergonha por estar sendo observada"; - Tomando os fatores apresentados, identificamos que não há qualquer intervenção do professor, a partir do estudo, que problematize as questões. O espaço dedicado à prática das lutas acaba por mostrar-se pouco democrático e inclusivo; - Percebe-se que o "deixar-fazer" nas lutas acaba reproduzindo os estereótipos das lutas, que são mais masculinizadas e menos feminizadas; - Quando a professora usa uma estratégia de "dois alunos por vez ao centro da sala" para ter mais controle sobre a atividade e evitar problemas que não estão ao alcance dos seus olhos, acaba por favorecer a sensação de vergonha das meninas em expor as habilidades; - OMEF proporcionar o esporte vivenciado por meio e além do jogo, o protagonismo e a responsabilidade coletiva. Todavia, houve um abismo do protagonismo feminino; - Construir um ambiente diversificado, participativo e de autonomia discente foi o objetivo da proposta. As meninas se envolveram mais nas atividades de organização. Portanto, observou-se um desequilíbrio em relação à participação de meninas e de meninos no evento, além de um número desigual de espectadores e comportamentos destoantes durante os jogos femininos. Isso não impediu que as meninas participassem (comportamento de resistência).
10.	SILVA, B. S.; SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. (2019)	analisar se uma proposta semelhante ao modelo de educação esportiva foi capaz de produzir autonomia e a autonomia dos estudantes, coadunar com a promoção de práticas inovadoras na EF escolar.	Modelo de Educação Esportiva e estudos de gênero	Uma professora e uma turma de ensino médio de uma escola pública.	de levantamento de peso que observaram os conteúdos do currículo de EF adotados pela rede estadual	Estudo de caso com observação de campo; grupo focal com os alunos (11 meninas e 16 meninos) e entrevista com a professora;	- A participação não efetiva das meninas durante as aulas está atravessada pelos seguintes pontos: "masculinização e machismo durante as atividades", "O medo de se machucar" e "A vergonha por estar sendo observada"; - Tomando os fatores apresentados, identificamos que não há qualquer intervenção do professor, a partir do estudo, que problematize as questões. O espaço dedicado à prática das lutas acaba por mostrar-se pouco democrático e inclusivo; - Percebe-se que o "deixar-fazer" nas lutas acaba reproduzindo os estereótipos das lutas, que são mais masculinizadas e menos feminizadas; - Quando a professora usa uma estratégia de "dois alunos por vez ao centro da sala" para ter mais controle sobre a atividade e evitar problemas que não estão ao alcance dos seus olhos, acaba por favorecer a sensação de vergonha das meninas em expor as habilidades; - OMEF proporcionar o esporte vivenciado por meio e além do jogo, o protagonismo e a responsabilidade coletiva. Todavia, houve um abismo do protagonismo feminino; - Construir um ambiente diversificado, participativo e de autonomia discente foi o objetivo da proposta. As meninas se envolveram mais nas atividades de organização. Portanto, observou-se um desequilíbrio em relação à participação de meninas e de meninos no evento, além de um número desigual de espectadores e comportamentos destoantes durante os jogos femininos. Isso não impediu que as meninas participassem (comportamento de resistência).
11.	SILVEIRA, A. A. T.; DIAS, M. A. (2019)	Relações de gênero no ultimate freebee	Estudos Feministas e de Gênero.	alunos do 5º ano A (12 meninas e 19 meninos) e 5º ano B (14 meninas e 15 meninos) do	de levantamento de peso que observaram os conteúdos do currículo de EF adotados pela rede estadual	Observação das aulas	Diversificação esportiva por meio do ultimate freebee, para repensar questões vinculadas a agressividade dos meninos, questionando as relações de gênero que são construídas nas aulas. - Isso promoveu inclusão dos menos habilidosos e isso se deu também pela via do gênero; - Permitiu ir além das problemáticas enfrentadas pelas meninas durante as aulas práticas, trazendo a possibilidade de reformular o conhecimento, expandir a compreensão e criar novas situações para o exercício, tentando envolver todos nas aulas de EF e potencializando questionamentos acerca de especificidades femininas e masculinas, de homens e mulheres, que possa conduzir para novas trajetórias, para uma nova relação de gênero mais igualitária

Figura 1. Síntese dos artigos. Fonte: produção das/os autoras/es a partir dos dados dos artigos.

FATORES QUE FAVORECEM O ENGAJAMENTO DAS MENINAS COM O ESPORTE

Um importante fator de mobilização das meninas/mulheres seria o gosto pela prática esportiva (JAEGER et al., 2010), desenvolvido em decorrência de experiências pessoais anteriores de influência de familiares e do contexto escolar. Esse gosto não minimizava, todavia, a percepção dos empecilhos enfrentados pelas praticantes na sua experiência esportiva, denotando assim uma atitude de resistência.

Além do gosto pelo esporte, o encorajamento dado por professoras(es) para que meninas pudessem participar das aulas é importante (ALTMANN, et al., 2012). Esse processo de intervenção se dá mediante a percepção de uma realidade desigual. Encorajar as meninas suscita também intervir na não separação de alunos e alunas. Desenvolver um trabalho pautado pela formação de grupos mistos, gestão compartilhada, equivalência de direitos e inclusão, faz dessa prática uma possibilidade de mudança com relação ao que se configurou ao longo dos anos como lugar de meninos e meninas. Assim essas intervenções podem ser produtivas ao propor um desarranjo no atual cenário quando: questiona o menor interesse apresentado pelas meninas quando o assunto é o futebol (NUNES, et al., 2014); ajuda os alunos(as) a duvidarem da máxima vinculada a ideia de que existem atividades físicas ou esportivas específicas para meninos e meninas (ALTMANN, et al., 2012); quando uma aluna ajuda a mobilizar as outras (SO, et al., 2018); quando propõe uma vivências como o MEE (SILVA, et al., 2019) ou pela inovação sugerida pela prática do *ultimate freesbee* (SILVEIRA, et al., 2019).

Outro fator mobilizador é a imagem de algumas mulheres atletas ou ex-atletas (SOARES, et al., 2017). Identificar mulheres que transgridam as barreiras do esporte tradicional se configura como um importante fator de estímulo para quem busca se inserir seja como praticante, seja como atleta. Dessa forma, a aparição da imagem da mulher atleta subverte as representações da corporalidade feminina e, assim, gera a produção de novos e diversificados sentidos sobre o 'ser mulher'.

Assim como atos performativos de mulheres atletas de esportes não convencionais, a utilização do modelo de educação esportiva (MEE) pode servir como estratégia que dá a elas um novo lugar no esporte (SILVA, et al., 2019). Assim o MEE, por apresentar uma abordagem com foco no aluno e também tratar do fenômeno esportivo por diversos prismas, como a competência motora, o entusiasmo com o esporte e a literacia esportiva surge como possibilidade de se trabalhar o esporte para além da questão técnico-tática, possibilitando a vivência de papéis e reflexões que desafiem e transgridam as interdições que costumavam caracterizar os momentos-tempos esportivos.

FATORES QUE DESFAVORECEM O ENGAJAMENTO DAS MENINAS COM O ESPORTE

Na outra direção, um importante fator de desmobilização diz respeito ao não tensionamento de relações tradicionais de gênero (JAEGER, et al., 2010; ALTMANN, et al., 2012; SILVESTRIN; SARAIVA, 2012; UCHOGA; ALTMANN, 2016; SOARES, et al., 2017; SO, et al., 2018). Quando não há tensionamento por parte dos professores/treinadores com relação desigualdades relacionadas ao marcador de gênero no esporte, as meninas tendem a se marginalizar. Portanto, esses professores abdicam de intervir diante das desigualdades culturais e contribuem para perpetuar a noção segundo a qual o esporte é instância primordialmente masculina.

Outro fato ainda é quando alguns professores/treinadores não direcionam suas aulas deixando os praticantes “livres” e separados (DORNELLES, 2011; SO et al., 2018; UCHOGA e ALTMANN, 2016). Isso leva a dois problemas: o primeiro diz respeito à ideia de que meninas e meninos devem ter horários de vivência diferentes nas aulas de EF. Resulta que os meninos, por terem maior contato anterior com os esportes, acabam ocupando o espaço da quadra como se esse fosse “naturalmente” deles. Em segundo lugar, durante atividades mistas sem direcionamento, os meninos continuam tendo mais possibilidades de explorar corporalmente os movimentos, pois participam do jogo com mais

frequência e tem mais oportunidades de desenvolverem suas habilidades. Se para aprender é necessário querer aprender, imersas em uma cultura do “rola bola” ou da “aula livre”, as alunas se sentem menos motivadas a ir além e a “arriscar-se”.

Outra questão que aparece como importante fator de desmobilização, diz respeito a separação das turmas por sexo com justificativas de cunho biológico (DORNELLES, 2011; SILVESTRIN; SARAIVA, 2012; ALTMANN et al., 2012). A ideia de que as meninas são menos habilidosas permeia esses discursos. Não importa se a razão para isso seja biológica ou cultural. Ambas corroboram para a ideia de que elas sejam inferiores para a prática esportiva. Ou seja, mais do que juntar ou separar, o que é necessário é romper com o mito da inferioridade e passividade feminina.

Na mesma esteira, encontra-se o desenvolvimento do esporte com viés competitivo voltado ao resultado (SILVESTRIN; SARAIVA, 2012; WERLE; SARAIVA, 2013). Quando o foco é a vitória, o esporte dificulta a inclusão de participantes que tenham menor experiência, maior insegurança ou menos contato com a prática esportiva. Em virtude de as meninas, via de regra, terem tido menos possibilidades de vivências corporais ao longo da vida, sua participação fica comprometida. Agrava essa situação quando os próprios gestores das políticas públicas desconhecem essa questão, e não estão preocupados em intervir diante das diferenças culturais entre homens e mulheres (WERLE; SARAIVA, 2013), contribuindo para a não participação ampla do público feminino.

Por fim, a masculinização e machismo durante ensino de esportes, o medo de se machucar durante atividades esportivas e a vergonha por estar sendo observada durante as aulas são elementos que desmobilizam as meninas nas práticas pedagógicas (SO et al., 2018). Essas situações implicam em uma participação “mascarada”, obliterando possibilidades de aprendizagens. Por conseguinte, reforçam que os meninos têm mais oportunidades de aprimorar/treinar, o que na aquisição e o desenvolvimento de suas habilidades corporais, em contraposição às meninas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado da arte sobre a questão aponta para três aspectos: i) a distinta forma como meninos e meninas se envolvem com o conteúdo; ii) as possibilidades desencadeadas pela forma como os professores percebem e intervêm diante das desigualdades de oportunidades entre meninos e meninas; iii) como as atividades de sensibilização e de problematização da discriminação nos ambientes de prática esportiva podem contribuir para mobilizar as meninas.

Com relação ao primeiro ponto, as pesquisas demonstraram como as questões culturais promovem distintas aproximações com a prática esportiva e seu aprendizado entre meninos e meninas. As meninas relatam interdições e desincentivos durante a vida, mesmo declarando o gosto pela modalidade. Além do gosto e algum incentivo familiar, outras mulheres atletas ou lideranças esportivas contribuem para que essas mulheres sejam incentivadas a praticar e permanecer no esporte. As distintas oportunidades que as crianças recebem ao longo da vida também são percebidas pelos professores. Quando esses professores intervêm para tensionar as desigualdades advindas dos discursos culturais, por exemplo, discutindo relações de poder ou problematizando o discurso de que há atividades de meninos e de meninas, há um incremento nos modos de participação das meninas.

Por outro lado, há cenários em que as desigualdades são interpretadas pelos professores como barreiras, sobretudo, para a construção de aulas mistas. Essa situação, via de regra, é acompanhada de discursos que tornam as meninas inferiores e menos habilidosas nas práticas esportivas, justificadas pela sua suposta ausência de repertório motor causada pelas poucas oportunidades de práticas ao longo da vida. Resulta disso um cenário de não tensionamento das diferenças de gênero e de perpetuação das desigualdades.

Da mesma forma, aulas mistas em que professores não intervêm pedagogicamente para oportunizar aprendizagens para meninos e meninas podem também contribuir para essa perpetuação desigual. Isso porque as descrições pedagógicas demonstram que as meninas em geral se arriscam menos que os meninos para aprender, demonstrando uma

insegurança diante das atividades, medo de se machucar e vergonha, caso haja grande exposição das mesmas. Os espaços de aprendizagem livre, por conseguinte, são pouco explorados por elas, petrificando a desigualdade de engajamento. Assim, atividades cujo fim é o desempenho também tem afastado meninas, já que as diferenças culturais fazem com que elas já adentrem esses espaços em desigualdade com os meninos, promovendo uma não adaptação às práticas. Nesse sentido, a literatura indica a importância de espaços que acolham o esporte-participação, sobretudo, mas não só, para inclusão de meninas.

Em terceiro lugar, professores que buscam construir alternativas metodológicas e sensibilização para essas diferenças contribuem para a participação das meninas. Discutir e problematizar os discursos culturais que inferiorizam as meninas, refletir sobre as diferentes relações de poder envolvidas numa prática, construir um espaço que elas também considerem “seguro” para as aulas, bem como diversificar as formas de engajamento com o esporte podem contribuir para minimizar as barreiras que afastam as meninas dessa prática. A diversificação parece ser uma questão chave, já que, ao sair do que tradicionalmente as crianças têm acesso, e por conseguinte os meninos, pode contribuir para suspender temporariamente a percepção das desigualdades e promover outras (auto)representações sobre a participação esportiva. Todavia, ainda assim, os desafios permanecem já que a discrepância no protagonismo e a recepção dos alunos é heterogênea.

Por fim, há duas lacunas na produção sobre o tema: 1) menor predominância de estudos que considerem a perspectiva das meninas/mulheres na posição de alunas (como elas entendem sua mobilização/desmobilização); 2) menor predominância de estudos que narrem experiências de sucesso a respeito da prática esportiva de meninas/mulheres. Isso implica dois grandes desafios ao campo: que é a reorientação do olhar para as boas práticas, para além das descrições das barreiras; bem como a consideração das meninas como produtoras de conhecimento sobre sua situação, agentes transformadoras da mesma, bem como interlocutoras de nossas pesquisas. Mover-se de um olhar que trata as meninas como um problema (de pesquisa ou social) a ser descrito ou resolvido a uma direção de co-construção dos diagnósticos

e das boas práticas pode nos ajudar a dar pequenos, mas importantes passos rumo à democratização das práticas esportivas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. MARIANO, M. UCHOGA, L. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Revista Pensar a Prática**. V 15, n2. p 272-550. Abr./Jun. de 2012.

CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L.; MOURAO, L. EF, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 149-164, abril/junho de 2010.

DIESPORTE. Diagnóstico Nacional do Esporte. Nota conceitual. 2015.

DORNELLES, P. G. Marcas de gênero na EF escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 37, p. 12-29, dez 2011.

FRANCO, M. A. S. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Ano XX , N° 30, P. 28-43 Jun./2008.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v.8 n. 1, p. 85-100, 2005.

JAEGER, A. A.; GOMES, P. B.; SILVA, P.; GOELLNER, S. V. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 245-267, janeiro/março de 2010.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica Editora, 2018.

MATOS, N. R.; BRASILEIRO, G. S.; ROCHA, R. T.; NETO, J. L. C. Discussão de gênero nas aulas de EF: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, maio/2016.

NUNES, H. F.; PIMENTA, T. F.; CESANA, J.; DRIGO, A. J. EF, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. **Revista Pensar a Prática**. V.17 n 4. Out/dez de 2014.

PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional sobre Atividades Físicas e Esportivas e Desenvolvimento Humano. Nota conceitual. 2017a.

SILVA, B. S.; SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de educação esportiva no âmbito da EF escolar. **Rev Bras Ciênc Esporte**, 2019.

SILVEIRA, A. A. T.; DIAS, M. A. Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate frisbee na escola. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, p. 01-15, abril/julho, 2019.

SILVESTREIN, J. M. P.; SARAIVA, M. C. O. A participação de meninos e meninas nos projetos sociais da fundação municipal de esportes de Florianópolis. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 38, p. 75-88, set. 2012.

SOARES, J. P. F.; MOURAO, L.; MONTEIRO, I. C. Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2017.

SO, M. R.; MARTINS, M. Z.; BETTI, M. As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de EF. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 56., p. 29-48, dezembro/2018.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. EF escolar e Relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista RBCE**. V 38, p. 163-170, 2016.

WERLE, V.; SARAIVA, M. C. O. As relações de gênero na Fundação Municipal de Esporte de Florianópolis: políticas genéricas, atendimento generificado. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 57-78, jul/set de 2013.

Recebido: 11 agosto 2020
Aprovado: 05 novembro 2020
Endereço eletrônico:
Mariana Zuaneti Martins
marianazuaneti@gmail.com